



Resumo biográfico

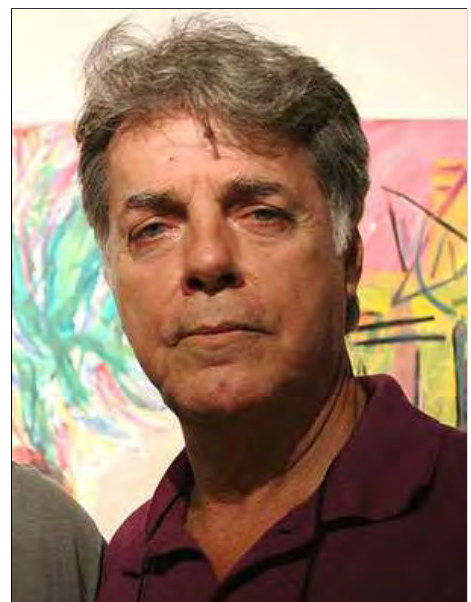
"Penso que o imaginário é um componente essencial de todo o trabalho artístico. Sem ele seria impossível pintar autobiografando-me. Diante da tela em branco, o pintor nada sabe, e sua intuição é provar o que não é possível saber".

— Sandro Donatello

Pintor e professor, nascido no Rio de Janeiro em 1945. Iniciou estudos no ateliê de seu pai, o pintor Oswaldo Teixeira, e em 1967 viajou para a Europa, completando sua formação. Lecionou no Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em seu ateliê particular, e foi membro do Conselho de Arte da Fundação Escola de Serviço Público.

Desde 1971 atua no cenário artístico nacional, tendo participado de mais de cinquenta salões de arte e exposições coletivas, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Maranhão, Pauí, Goiás e Mato Grosso. Apresentou doze mostras individuais, foi premiado em cinco mostras competitivas, e trabalhos de sua autoria fazem parte dos acervos de oito museus e instituições culturais no país.

Escreveram sobre sua obra críticos de arte como Quirino Campofiorito, Jayme Maurício, Roberto Pontual, Elmer Corrêa Barbosa, Carlos Roberto Maciel Levy, Ruy Sampaio e Francisco Bittencourt.



Exposições

MOSTRAS INDIVIDUAIS

2013

Galeria Manuel Bandeira da Academia Brasileira de Letras, RJ

1998

Galeria de Arte do SESC Nova Iguaçu, RJ

1996

Centro Cultural da Light, Rio de Janeiro RJ

1991

Centro Cultural Pascoal Carlos Magno, Prefeitura Municipal de Niterói, RJ

1986

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ
Centro Cultural Itaipava, Rio de Janeiro RJ

1981

Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro RJ

1980

Sala Cecília Meireles, Rio de Janeiro RJ

1979

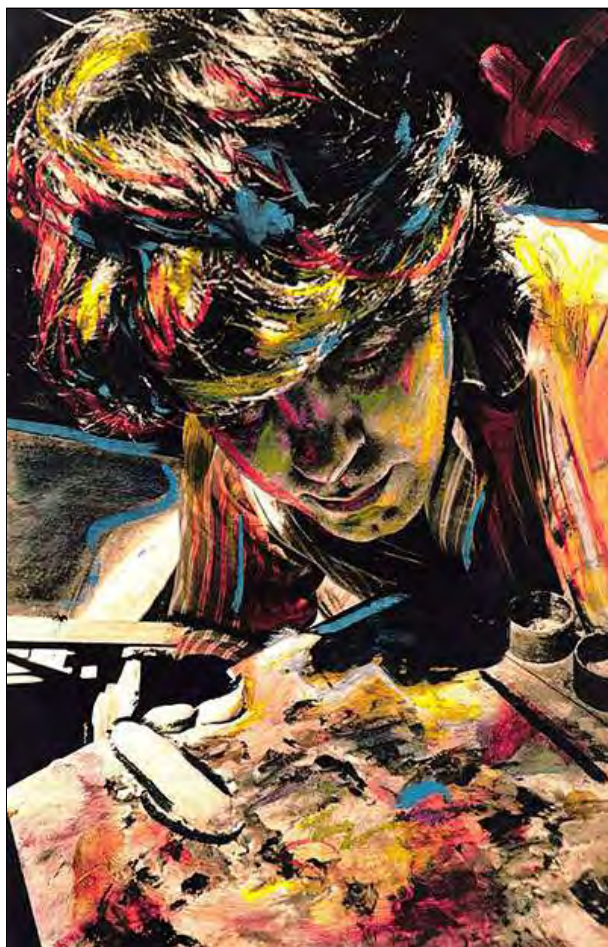
Fundação Cultural de Curitiba, PR
Centro Cultural Pascoal Carlos Magno, Prefeitura Municipal de Niterói, RJ
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória ES

1978

Galeria de Arte do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, Rio de Janeiro RJ

1976

Galeria de Arte do Teatro Quatro de Setembro, Teresina PI



MOSTRAS COLETIVAS

2007

Setenta anos do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, Rio de Janeiro RJ (obra no acervo)

2005

Conexão, Galeria de Arte Apis, Rio de Janeiro RJ

2004

I Salão Nacional de Artes Plásticas de Paraty, RJ (prêmio menção especial do júri)

2003

Serpentina, Galeria de Arte Tiziana Bonazzola, Rio de Janeiro RJ

2002

Cultura Contemporânea, Fundação Escola do Serviço Público - FESP, São Paulo SP
Arte e Futebol, Galeria de Arte Gourmet, Rio de Janeiro RJ

2000

Libertas quae sera tamen, Palácio Tiradentes, Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, RJ (aquisição de obra para o acervo)

2001

Indumentária, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ

1997

Sessenta anos do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, Rio de Janeiro RJ (obra no acervo)

1994

Futebol e Arte: registros de uma paixão, Rio Design Center, Rio de Janeiro RJ

1992

Obras para o livro *Os pintores e o suplício de Tiradentes*, Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, RJ
Galeria de Arte Borghese, Rio de Janeiro RJ

1989

Duzentos anos da Revolução Francesa e o Brasil, Parque da Catacumba, Rio de Janeiro RJ

1988

Dez Pintores e o Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ
Sessenta anos do Hotel Copacabana Palace, Rio de Janeiro RJ

1985

Pintura Brasileira Atual, Senado Federal, Brasília DF Centro Cultural Itaipava, Rio de Janeiro RJ

1984

Galeria Arte Brasileira do Século XX, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ
Artistas selecionados para o Prêmio Cristóvão Colombo para a América Latina, Companhia Ibérica, em Madrid, Espanha, e Lisboa, Portugal (mostra itinerante)
Galeria de Arte AMC, Rio de Janeiro RJ
Galeria de Arte H. Stern, Rio de Janeiro RJ
Galeria MP2 Arte, Rio de Janeiro RJ
Galeria de Arte do Instituto Brasil-Estados Unidos, Rio de Janeiro RJ

1983

Arte e Violência, Universidade Federal Fluminense, Niterói RJ
Movimento 20 de Novembro, Instituto Cultural Brasil-África, Rio de Janeiro RJ
I Salão de Artes Plásticas do Instituto Brasil-União Soviética, Associação Brasileira de Imprensa - ABI, Rio de Janeiro RJ
Dez pintores na coleção John Player Special, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ

1982

Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira (curadoria do antropólogo Roberto DaMatta), Acervo Galeria de Arte e Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ
VI Salão Carioca de Desenho e Gravura, Rio de Janeiro RJ
Salão Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ
VI Salão Carioca de Artes Plásticas, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro RJ
Projeto Arco-Íris (São Luiz, MA; Salvador, BA; Campo Grande e Corumbá, MS; Goiânia, GO; Itajubá, MG), Fundação Nacional de Arte, Brasil (mostra itinerante)

1981

Salão de Artes Plásticas Flumitur, Prefeitura Municipal de Niterói, RJ

1980

Projeto Arco-Íris (São Luiz, MA; Salvador, BA; Campo Grande e Corumbá, MS; Goiânia, GO; Itajubá, MG), Fundação Nacional de Arte, Ministério da Cultura, Brasil (mostra itinerante)

1979

Artistas Cariocas na Bienal de São Paulo, Funarte, São Paulo SP

1978

I Circuito Universitário de Artes Plásticas, Pontifícia Universidade Católica e Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro RJ

1977

III Concurso de Artes Plásticas, Caixa Econômica Federal, Goiânia GO
IX Salão Nacional de Artes Plásticas, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, MG
Arte Brasil, Othon Palace Hotel, Rio de Janeiro RJ

1976

Litografia, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro RJ
NorteArte, Museu Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro RJ
Mostra de Artes Visuais do Estado de Goiás, Caixa Econômica Federal, Goiânia GO (prêmio de pintura)

1975

Casa Galeria, Rio de Janeiro RJ

Salão de Verão, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ

Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro RJ

Mostra de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre RS

Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, RJ

Artistas premiados no Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ

1974

III Mostra de Artistas Cariocas selecionados para a Pré-Bienal de São Paulo, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ

Bienal Nacional de Artes Plásticas, Fundação Bienal de São Paulo, SP

Salão Nacional de Arte Moderna, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro RJ

Salão de Verão, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ

III Mostra de Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro, Niterói RJ

1973

I Mostra de Video-Arte, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ

1972

Salão de Verão, Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ

1971

Instituto de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ

Prêmios e coleções

OBRAS PREMIADAS

2004

Prêmio menção especial do júri no I Salão Nacional de Artes Plásticas de Paraty, RJ

1977

Prêmio de aquisição em pintura no XI Salão Nacional da Prefeitura de Belo Horizonte, MG

1976

Prêmio de pintura na Mostra de Artes Visuais do Estado de Goiás, Caixa Econômica Federal, Goiânia GO

1975

Prêmio de isenção de júri em pintura no Salão Nacional de Arte Moderna, Rio de Janeiro RJ

1974

Prêmio de pintura na III Mostra de Artes Visuais do Estado do Rio de Janeiro, Niterói RJ

OBRAS EM COLEÇÕES PÚBLICAS

2000

Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro RJ

1989

Fundação Cultural do Espírito Santo, Vitória ES

1984

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ
Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, Rio de Janeiro RJ

1979

Fundação Cultural de Curitiba, PR

1977

Museu da Pampulha, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, MG

1976

Caixa Econômica Federal, Goiânia GO

1975

Museu Antônio Parreiras, Niterói RJ



Outras atividades

MAGISTÉRIO E COMISSÕES JULGADORAS

1997

Membro da comissão julgadora (categoria escultura) da exposição *Prata da Casa*, Petrobrás S/A, Rio de Janeiro RJ

1996

Membro do Conselho de Arte da Fundação Escola do Serviço Público - FESP, Rio de Janeiro RJ

1989

Conferência *Arte Contemporânea*, na Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória ES

1986

Debate *Vincent van Gogh*, no Centro Cultural Pascoal Carlos Magno, Prefeitura Municipal de Niterói, RJ

1982

Conferência *Processo Criativo*, no Departamento de Arte da Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro RJ

1980

Membro do júri do VI Salão Maçônico, Rio de Janeiro RJ

1979

Professor no curso *Forma e Expressão*, Museu Guido Viaro, Curitiba PR

1979

Presidente da comissão julgadora do XXII Salão Júlio Koeler, Petrópolis RJ

1973-1974

Professor de desenho e pintura na Sociedade Brasileira de Belas Artes, Rio de Janeiro RJ

Professor de desenho e pintura na Sociedade dos Artistas Nacionais, Rio de Janeiro RJ

1974-1980

Professor do Instituto de Belas Artes / Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro RJ



A arte visceral de Sandro Donatello

É difícil para o olhar do espectador escolher o que mais admirar nas telas de Sandro Donatello, se a composição, que alcança em certos momentos uma exatidão fluida quase musical, se a riqueza cromática — um uso da cor que às vezes outorga um prazer quase físico ao observador — ou se, enfim, a liberdade completa de expressão, já que as suas obras se movem, com perfeita naturalidade, entre o figurativo e o quase abstrato, entre elementos parcialmente construtivistas e um expressionismo muito pessoal.



Há nos quadros de Sandro Donatello como que uma narrativa subjacente, uma polifonia de cenas, de perfis, de vultos, de objetos, de figuras que nos induzem a imaginar sua origem dentro do mundo inumerável do consciente e do inconsciente do artista. Embora a chave — se é que existe uma chave — só a ele pertença, essas mesmas figuras, esses como que fragmentos de um mosaico destruído, exercem perfeitamente a sua função em nossa própria consciência, e na sua zona inconsciente tão mais vasta, como metáforas dos mesmos fragmentos de que somos constituídos, ambulantes repositórios de memória a andar pelas ruas que somos todos nós.

À margem de tudo isso, é marcante na pintura de Sandro Donatello uma força, um vitalismo no traço e na pincelada que faz dela uma proposição dionisíaca para todos que alcancem um momento de simbiose com ela, essa simbiose entre o artista e o receptor, através do milagre da obra realizada, que é a essência mesma da arte. É com grande satisfação, portanto, que o Iate Clube do Rio de Janeiro oferece ao público a presente mostra desse grande artista carioca.

Alexei Bueno

Texto de apresentação originalmente publicado em exposição individual no Rio de Janeiro, RJ, em setembro de 2013

Pense com os olhos

Para mim a arte como ela foi concebida até o século XIX morreu. E isso aconteceu há muito tempo, pelo menos no que se refere às artes visuais na forma como sempre foram cultivadas. O óbito foi constatado no primeiro pós-guerra, por Marcel Duchamp. Depois, Walter Benjamin em 1936, já às vésperas da Segunda Grande Guerra, concluiu que a arte perdera sua aura. Concordo, mas decerto não perdeu a clientela. Hoje convivemos com ignorâncias sensíveis, produtoras de coisas curiosas. No passado essa gente decorava seda e porcelana, aprendia pintura ou modelagem e tinha aulas de piano ou violão. Sensibilidades adestradas que jamais pretenderam ultrapassar o diletantismo. Hoje, expõem seus trabalhos em galerias e até em museus. Sem o menor pudor, passaram a aplicar tinta e quaisquer outros materiais sobre o clássico tecido das telas, em geral agradando praticantes de convencionais profissões liberais, agora travestidos em críticos de arte. Como disse Duchamp, não entendem de arte, mas sabem explorar ignorantes sensíveis. E o fazem aclamando tudo aquilo que é apenas surpreendente, para estimular jovens executivos a se tornarem maravilhados colecionadores acidentais, no rigor da moda.



Sandro Donatello Teixeira está entre os poucos pintores de hoje que possui a emoção que atormentava os artistas do passado, quando as artes ainda viviam. Muito irreverente, ele insiste em lançar em suas telas sentimentos e lembranças, ou transformá-las em expressões de protesto tão sutis quanto agressivas. Nisso coincide com os modernistas do século passado, definitivamente sem os repetir. O conjunto de suas pinturas assemelha-se a um repertório iconográfico que desponta de lembranças vivas, de uma memória enlouquecida em busca de recordações que perderam contexto e nitidez. Nele despontam referências deixadas por um tempo fictício, como motivação essencial. As imagens são sempre importantes neste tipo de poesia construída de lembranças, e quem assistiu *O ano passado em Marienbad* (1961), de Alain Resnais, sabe do que estou falando.

O que presenciamos nesta exposição é uma trajetória análoga, motivada pelo filme *A casa de Sandro* (2009), de Gustavo Beck, que desenvolve uma bela sequência visual, no cenário bucólico que foi casa do pintor em uma determinada época. Assim ele se deixou levar por momentos que ficaram no passado. Não se trata de uma alegoria, muito menos de um relato literário. São cores, algumas muito vibrantes, ou traços enérgicos e nervosos que buscam nos subterrâneos da memória os sentimentos petrificados que o filme registra. Mas tudo está irremediavelmente perdido, como realidade, para o autor em busca de um tempo ancestral.

O artista pertence a uma família de pintores formada por seu pai, Oswaldo Teixeira, que eu considero expoente do conservadorismo estético mas reconheço como profundo conhecedor das artes visuais. Sobre um desenho preciso e elegante, pintava com absoluto domínio da técnica. Por isso, para quem aprendeu a pintar com a naturalidade que se bebe um copo d'água, na obra de Sandro Donatello a técnica sempre esteve sob controle. Ele sabe o que faz e o que quer fazer. Trabalha com tintas acrílicas, mas consegue o mesmo resultado obtido pelos que usam ou usavam tintas a óleo. As obras expostas não são de fácil entendimento. Elas exigem olhar de quem conhece pintura. Não ha concessões. Cada tela exige a atenção do olhar e sensível percepção para as cores, inclusive porque o autor gosta de ironizar e desafiar retóricas acadêmicas, do passado e do presente.

Em seus trabalhos as cores puras fazem vibrar as superfícies. As misturas até podem parecer exageros de ambição cromática, mas nunca são ocasionais ou descuidadas. Elas estão ali, combinadas e aplicadas com maior ou menor vigor, por algum motivo. Pense com os olhos: as pinturas expostas nos convidam a refletir. Por vezes a cor sai do tubo diretamente para a tela, enquanto pinceladas discretas parecem insinuar formas, desenhar perfis, folhas de exuberante vegetação e flores. Não se trata de paisagismo, muito menos de escolher soluções fáceis e banais, pois

Pense com os olhos

nelas não existe lugar comum ou vulgaridades. Sandro Donatello Teixeira apresenta, em amplos formatos, sua busca intensa para reinventar a experiência do convívio e da contemplação de bucólicos cenários que — no plano da realidade — ficaram registrados no suporte digital de uma câmera cinematográfica.

Elmer Corrêa Barbosa

Rio de Janeiro, abril de 2013

Texto de apresentação originalmente publicado no catálogo da exposição *JARDIM SELVAGEM DA CASA DE SANDRO e alguns personagens*, Galeria Manuel Bandeira da Academia Brasileira de Letras, RJ, abril de 2013

Imagens e reflexos

Sandro Donatello é um pintor que teve o privilégio de construir sua formação artística e cultural a partir dos agitados anos de fins da década de 1960. Das revoltas estudantis e populares de Paris às atitudes de contestação do poder absoluto da ditadura militar no Brasil, viveu e participou de experiências insubstituíveis na existência dos homens e dos artistas. Até meados dos anos 1970 freqüentou a maioria dos salões de arte que em todo país proporcionavam um clima paradoxal de liberdade, tão diferentes daqueles que hoje e em anos recentes vemos como paradigma do isolacionismo e dos mais odiosos privilégios.

Sua pintura foi desde o início um registro do embate violento entre a percepção do artista e as artimanhas simbólicas que a sociedade impõe a todos nós. E sua solução — criada com agressividade espontânea aplicada a todas as formas, técnicas e materiais disponíveis — foi sempre, antes como agora, uma espécie de comovido gesto de solidariedade aos seres cuja individualidade os aprisiona em dilemas de solidão e angústia. Daí o fascínio pela permanente ambigüidade da figura humana, que em seus trabalhos é rudemente vista como tal, sem muita distinção entre sexo, raça, poder ou posses.



Em antigas pinturas, as silhuetas de combatentes de rua e policiais se confundiam como em um teatro de sombras, num torvelinho de ação que igualava reprimidos e repressores, agredidos e agressores: e hoje, ainda com maior requinte mas com a crua verdade de sempre, somos confrontados com o olhar direto e ameaçador de *O fumante*, cujo insondável espaço de significação aos poucos parece insinuar que a figura contempla a si própria, como se recusasse sua identidade e pretendesse ser apenas nosso reflexo em um espelho. Essas armadilhas típicas das imagens, que Sandro Donatello persegue com tenacidade e compreende como poucos outros artistas de sua geração, são o fundamento essencial do vigoroso retrato do crítico Jayme Maurício, há poucas semanas falecido. Nele, o pintor procurou e conseguiu extrair algo como a memória simbólica de uma imagem, não a semelhança ou a diferença fisionômica, mas uma sugestão de reconhecimento que para mim evoca o grande Balzac, e cuja hipótese certamente satisfaria a personalidade complexa e torturada do retratado caso ele tivesse podido vê-lo.

Esta não é uma exposição que se possa ver e esquecer. Sua densidade emocional conduz o espectador a compromissos de reflexão, repele e atrai ao mesmo tempo a atenção e assim provoca, sem cessar, um conflito de vontade que é metáfora familiar à condição humana diante de si própria e de seus enigmas. De algum modo também somos esses personagens, cuja aparência a princípio nos hostiliza mas em relação aos quais podemos pressentir uma indefinível e inegável associação, como um remoto elo de simpatia e afinidade que vai crescendo não obstante preferíssemos ignorá-lo. E ao aceitá-lo como possibilidade, através dessas pinturas, quem o fizer estará vivendo uma experiência única que só a arte poder proporcionar.

Carlos Roberto Maciel Levy
Rio de Janeiro, julho de 1997

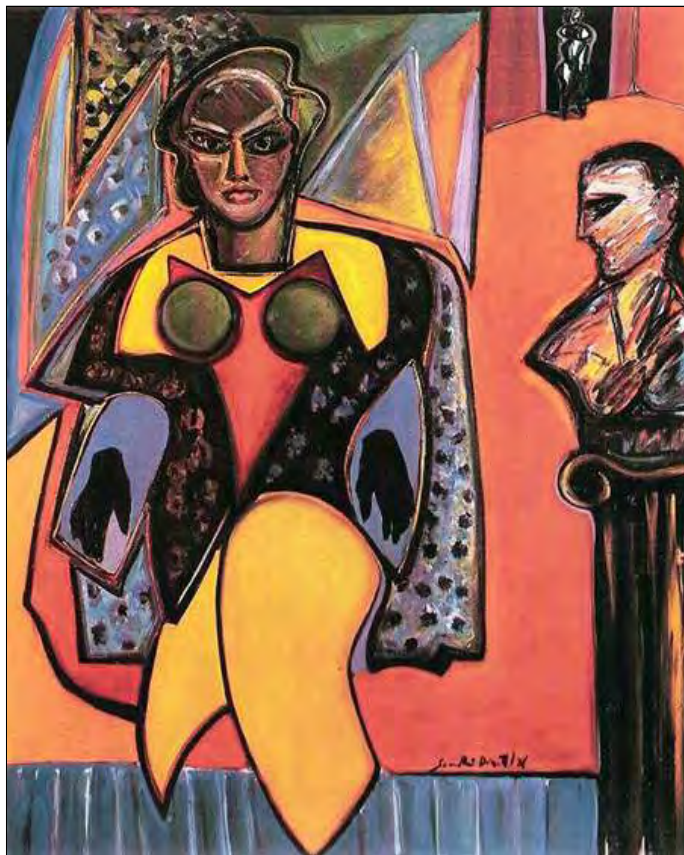
Texto de apresentação originalmente publicado em exposição realizada em Florianópolis, SC, em 1997.

Figura exorcizada

O conteúdo patético das figuras de Sandro Donatello Teixeira assume um ponto de maturidade que o ombreia aos mais categorizados intérpretes da imagem do homem hodierno. Num andamento mais cauteloso, ele foi abrindo as portas fantásticas de seu museu de sobreviventes, revelando a angústia e exaltação de criaturas cada vez mais conscientes de sua fragilidade diante de forças intangíveis. E, por essa fatalidade, lançadas numa celebração primitiva e terminal, que ele argamassa com fogo e metal candente.

Ao titular seus trabalhos, Sandro Donatello dissimula a perversidade das encenações liberadas. São corpos indefinidos, expressões de plácido cinismo, sexualidades postiças e pungentes, tudo isto cingido a uma posição exibicionista e saturnal. Esta configuração do limbo vem apoiada numa pintura que invade o espaço com sabedoria e riqueza de recursos.

Vimos, outro dia, a perícia com que Flávio Shiró deixava transparecerem sugestões de figura no caos rigorosamente organizado de sua abstração. Aqui, em Sandro Donatello, é a figura soberana que se regala em exercícios de informalismo corretamente programados, conferindo à composição um raro nível de equilíbrio e movimento. Os trabalhos de Sandro Donatello podem ser vistos em dois espaços simultâneos: no Museu Nacional de Belas Artes e no Centro Cultural Itaipava. Recomendamos.



Walmir Ayala

Texto originalmente publicado no Jornal do Commercio, RJ, em 21 de setembro de 1986

O real e sua sombra fantástica e enigmática

Descendente legítimo dos expressionistas, Sandro Donatello não é só seguidor da inovação pictórica destes criadores. Ele vem desenvolvendo interpretação própria da estética dos mesmos, com sentido de concepção independente de expressionismo. E a compreensão deste estilo manifestada por Sandro é coerente, autêntica e significativa, porque suas composições são sobretudo representações simbólicas da dimensão complexa, misteriosa, enigmática e surpreendente da subjetividade humana.

O conteúdo temático da sua pintura é a caracterização metafórica das feições inesperadas, extraordinárias, paradoxais, oníricas e ilógicas do psiquismo. Este genérico enfoque psicanalítico é figurado com total liberdade interpretativa e sem preconceitos artísticos mediante cenas algo indefinidas, difusas e incógnitas, que também parecem metamorfoseadas em imagens sugestivas e densamente contundentes e marcantes.



O desdobramento de uma linguagem com componentes morfológicos expressionistas e surrealistas tem sido uma constante lógica nos trabalhos de Sandro. Considerando que a reprodução somente direta e objetiva da aparência exterior da realidade humana, apenas descritiva e artesanalmente ornamental, não exprime a face completa desta realidade, seu perfil irracional, absurdo, incompreensível e imponderável. Sandro optou por um visionarismo alegórico, despojado de tecnicismo virtuosístico e de formalismo esteticista.

A expressividade, o sentido e a significação da iconografia decorrente deste visionarismo têm que ser consideradas pela ótica da referência, da analogia, da associação, do signo e do símbolo. Mas Sandro atravessou a ponte dos expressionistas, levando do visível à sua instância caótica, ilógica e contraditória, não só como sua definição na polêmica relativa à função e à finalidade da arte, mas sobretudo como conversão da pintura em meio de retratação da indefinição e incompreensão do ser humano em contextos ilógicos, incoerentes e absurdos.

João Carlos Cavalcanti

Texto de apresentação originalmente publicado em catálogo de exposição, Museu Nacional de Belas Artes, RJ, setembro-outubro de 1986

Arte e violência

A trajetória artística de Sandro Donatello é a de um pintor erudito que inventaria constantemente suas raízes, sem falsos pudores, assumindo suas influências e suas heranças.

Paradoxalmente essa fidelidade ao seu *background* confere-lhe um caráter fortemente individuado enquanto criador. E isso porque o que está em causa não é sua autonomia e muito menos a sua inventiva pessoal. Somente alguém que se sentisse tranqüilamente dono de seu próprio território artístico ousaria essas criativas e críticas releituras, que vão de Picasso a Bacon e que começam a ser importantes já a partir do bom-gosto das escolhas.

O que o fascina são os temas do cotidiano. E aqui mais uma vez o paradoxal é uma componente de seu trabalho, na medida em que, lançando mão de realidades que sob um tratamento menos rigoroso ou criativo resultariam prosaicas, obtém climas do mais denso envolvimento.

Uma visão apressada poderia infletir no sentido de dar essa pintura cheia de significados, que vão desaguar na grande pintura européia contemporânea, como um desambicioso comentário de artista do Terceiro-Mundo deslumbrado ante o portentoso e o passado em julgado da arte internacional.

Corrigida porém essa inflexão e retificada para um rumo mais rigorosamente crítico, o que temos é uma intertextualidade, ou seja uma criação pessoal que se apropria, da maneira mais legítima, de todo um cabedal que a contemplação, o estudo, as viagens e o amor da discussão estética terão fornecido ao artista.

Mediada por um lote de referências européias e norte-americanas — ou, dizendo outramente, por todo um repertório pictórico da mais alta exigência — a pintura de Sandro Donatello resta visceralmente brasileira, já a partir de sua temática. Suas retomadas de motivos (e por vezes até de tratamentos) passam por um crivo fortemente personalista que incorpora plenamente o seu aqui e agora. Nada nesses procedimentos é gratuito e tanto mais demorada e inquiridora for a indagação do contemplador, maior soma de elementos questionadores e/ou transcendentes haverá a anotar nesse trabalho tão criativamente especulativo.

Não menos gratificante (e aqui não estamos falando da gratificação do olhar tão-somente, mas da *cosa mentale* de Leonardo) é aquela outra face do seu trabalho em que Sandro Donatello parte de suas próprias nascentes primárias, exercitando-se em ousadias, sobretudo composicionais, que violentam os cânones e freqüentemente desnorteiam o olhar bem-pensante, habituado a cobrar da tela o estabelecido e o sancionado. Esse pintar à beira do desastre, uma de suas marcas mais tipificadoras, é certamente uma ousadia a que somente se poderia permitir quem, como ele, conhecesse a fundo as leis da composição e do cromatismo para violentá-las com maestria e subvertê-las com virtuosismo.

E justamente esse fazer completa, com a outra parte de sua obra, um círculo perfeito de erudição e amplo domínio do *métier* que explica suas intervenções e recriações, bem como suas ousadias e rupturas. Duas faces que se completam, ambas sob a marca do conhecimento aprofundado servindo a um forte talento.

Rui Sampaio

Rio de Janeiro, junho de 1983

Texto de apresentação originalmente publicado no catálogo da exposição *ARTE E VIOLÊNCIA: quatro artistas*, Galeria da Universidade Federal Fluminense, Niterói, junho-julho de 1983



Um artista de surpresas

(...) Sandro Donatello é um artista de surpresas. O primeiro dado que nos desperta a atenção é o seu impulsivo e patético expressionismo, que entra literalmente em choque não só com a obra acadêmica de seu famoso pai, Oswaldo Teixeira, como também com os valores formais da sua própria geração, lembrando mais a dramática percepção existencial que caracterizou um Alcy Xavier, ou os jovens artistas paranaenses de finais dos anos 1950. O segundo dado de surpresa seria a imensa contradição que existe entre a sua agressiva pintura e o seu aspecto físico, um tanto *dandy*, lembrando Lorde Byron.

A temática que adota tem um mesmo filão: a repressão, que se torna para ele em "objeto do ridículo". Seja a transmutação de sexo ou o cerceamento da liberdade política, a provocação é a mesma e a resposta é uma só, sempre dada aos gritos. Seus personagens são sempre grotescos — mesmo quando, como Luthi, defende o enigma do "eu", a indecisão entre o masculino e o feminino — e o artista coloca-nos diante dos heróis de um trágico espetáculo burlesco.

Sandro Donatello é um dos poucos artistas que pode ser chamado pintor. Associa o gestualismo da pincelada a um sentido cromático audacioso. Embora empregando o suporte tradicional e mantendo-se dentro dos parâmetros do expressionismo social/latino/americano, serve-se de alguns recursos da pop-art, da arte conceitual e do surrealismo. Divide o espaço geometricamente, lançando mão do *close-up* para isolar detalhes; letras e números jogados aqui e ali sugerem interceptação, sendo ao mesmo tempo explorados por seu valor plástico intrínseco.

Tubos de soro, navalhas, máscaras e outros símbolos são usados por sua ressonância em nosso enigmático mundo inconsciente. Muito se tem falado, e com razão, das afinidades entre a obra de Sandro Donatello com a arte de Gerchman, João Câmara Filho, Graham Sutherland, Canogar e, principalmente, Francis Bacon. De fato, o culto que mantém pela deformação monstruosa associada ao ambiente de um ascetismo quase despojado, criando um mundo anômalo, tem sua origem em Francis Bacon, sendo redimensionada, porém, através de uma denúncia crítica local por Sandro Donatello.

Pelo vigor da sua linguagem, por sua sinceridade e independência plástica, inclusive de qualquer preocupação de consumo, aconselhamos uma visita a esta individual de Sandro Donatello Teixeira.

Adalice Araújo

Texto originalmente publicado em jornal de Curitiba, PR, em 07 de junho de 1979



Um pintor do nosso tempo

Depois de algumas participações em mostras coletivas e salões oficiais, Sandro Donatello Teixeira apresenta agora a sua primeira individual no Rio, com desenhos e pinturas. A exposição realiza-se após alguma relutância (ou seria melhor dizer indecisão?) por parte do artista, que sempre acreditou haver obstáculos à amostragem de sua pintura em galerias comerciais, tanto pela violência dos temas como pela grande dimensão dos quadros.

De fato, sua pintura é de exacerbada violência e quase sempre feita em medidas que ultrapassam de muito as modestas dimensões que se impõem geralmente os compradores para poder pendurá-las em suas exíguas paredes. Mas, mesmo assim, não vejo porque os *marchands* não tiveram seu interesse despertado pelo trabalho de Sandro Donatello. Trata-se, sem dúvida, de excelente pintura, generosa e forte, sem o alambicado e a pretensão dos truques a que se entregam alguns pintores da idade de Sandro atualmente. Talvez por isso mesmo é que este artista não conseguiu interessar até agora aos mercadores de arte; sua produção é pequena, ele não poderia atender a uma demanda comercial intensa sem cair nos vícios dos que se submetem ao circuito. Com isso, quem saiu ganhando foi a galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos, que pôde mostrar ao seu público, no momento certo, um pintor que tem a garra e o poder das invenções capazes de colocá-lo em destaque dentro do panorama onde atuam os de sua geração.



Há aí, porém, algumas contradições que precisam de um exame mais minucioso. A principal delas é o artista almejar sua inserção num contexto dentro do qual a agressividade de seus temas não se enquadraria; a segunda consiste no fato de ao aceitar as injunções de um mercado ávido pelo "bom gosto", Sandro na certa teria de manejar a "mensagem", pois nenhum criador ocupa impunemente as paredes imaculadas dos bons burgueses. Esse, aliás, tem sido o dilema de todos os artistas sérios desde que a arte passou a ser um artigo de consumo.

Dessas reflexões fica a pergunta: até onde vão os poderes de absorção do mercado e onde começa o desejo subconsciente do artista de entrar nele? O mapa desse relacionamento tem fronteiras indefinidas e é a ambigüidade o elemento que rege o conflito. Alguém poderia dizer, por exemplo, que a extraordinária exibição de técnica e os feixes de cores luminosas e líquidas de Sandro Donatello seriam o seu passaporte para o consumo.

Nada disso deve importar por enquanto, isto é, enquanto tivermos a possibilidade de ver, mais assiduamente talvez, a pintura como Sandro a faz e encara no momento: dilacerada e humana, falando do homem como vítima de um processo de desagregação mas que, apesar de dividido, protesta, tenta gritar, reage às terríveis imposições de um *deus ex machina*. Colocando-se no centro de um turbilhão para onde parecem convergir todos os caminhos do mundo, o artista maneja seus instrumentos não como o ser angélico e intocado, que assiste ao espetáculo, mas que faz parte dele, que toma partido e que, ao materializar o quadro, afirma também estar dentro do processo, que também ele vai ser esmigalhado, e por isso protesta. Com isso o artista assume a posição histórica que sempre lhe coube e dá a dimensão humana da arte. Não é essa afinal a sua missão?

Um pintor do nosso tempo

Falar portanto, aqui, dos pequenos empecilhos que talvez ainda existam para que se aplauda sem reservas a exposição de Sandro Donatello Teixeira, seria uma deformação profissional de crítico. Com essa mostra de suas pinturas o artista nos confirma o que já sabíamos: ele é um dos poucos e corajosos valores da jovem pintura nacional. Parece-me contudo — e aqui vai a *paulada* que o crítico não pode deixar de dar — que ele não tem muita consciência disso, pois para uma sala tão ampla como a do IBEU devia ter apresentado mais pinturas e menos desenhos, a meu ver simples anotações para quadros futuros.

Francisco Bittencourt

Texto originalmente publicado no jornal Tribuna da Imprensa, RJ, em 1978

Pintura jovem

(...) Venho acompanhando a evolução da pintura de Sandro Donatello desde sua primeira apresentação no Salão Nacional. Sua temática, que tem base profunda de preocupação social no sentido mais amplo do termo, apresentava até o ano passado a visão terrível de um mundo de seres solitários e desesperados, pintados em cores escuras sobre fundos neutros. Essa fase foi toda realizada depois de uma permanência de dois anos na Europa, entre 1966 e 1968, quando visitou os grandes museus e conheceu uma vida aventureosa e arriscada, como convém aos jovens. Francis Bacon, o grande pintor contemporâneo inglês de ascendência irlandesa, é o patrono desse período.

A nova fase de Sandro Donatello Teixeira, da qual podem ser vistos três trabalhos no Salão de Verão, tem novas vertentes e uma concepção mais refinada, embora contenha sempre os mesmos germes de insatisfação e denúncia de seu trabalho anterior. Pintando a óleo sobre eucatex preparado com gesso e cola, o suporte do artista tem agora mais espaços em branco e uma inusitada concepção de movimento, com inúmeros símbolos gráficos, letras e números, além de um novo e feliz interesse pelo desenho. Sandro, antes, lançava em bloco a sua idéia no quadro, mostrando seres vencidos pela vida. Agora, as idéias evoluíram para conceitos e o quadro é repartido em duas seções. Na parte de cima vemos o fato acontecendo, e na parte inferior a idéia, ou o conceito, é desintegrada em vários segmentos que "explicam" a motivação da alegoria, como em *Tiro ao alvo* ou *Crucificação*.

Quando, porém, temos a oportunidade de constatar que algo vivo, inteligente e com sangue está surgindo no horizonte, o nosso dever é exultar e proclamar bem alto a boa nova. É isso que estamos fazendo neste momento em relação á pintura de Sandro Donatello Teixeira e de mais meia dúzia de pintores presentes no atual Salão de Verão. A crítica de arte tem por função separar com isenção o joio do trigo, lutar contra os esquemas formados para incensar as mediocridades colocadas na crista da onda por interesses mercadológicos e, principalmente, ter a generosidade de apoiar o que é novo, jovem e com o futuro pela frente. Se não colocar em prática esses preceitos a crítica perde sua razão de ser.

Francisco Bittencourt

Texto originalmente publicado no jornal Tribuna da Imprensa, RJ, em 1975

